

Alan Da Silva Barreto



O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Alan Da Silva Barreto



O ENSINO DE ARTE NA ESCOLA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Maria do Céu Diel de Oliveira

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Barreto, Alan da Silva

O ensino de arte na Escola: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Alan da Silva Barreto. – 2013. 24 f.

Orientador(a): Maria do Céu Diel de Oliveira

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Oliveira, Maria do Céu Diel. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *O ensino de arte na escola*, de autoria de Alan da Silva Barreto, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Maria do Céu Diel de Oliveira - Orientadora

Fabiana de Lucca Munaier – Membro

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

RESUMO

O objetivo deste trabalho é auxiliar os arte-educadores a despertar o interesse dos alunos da Escola Estadual Dr. Napoleão Salles, no ensino de artes. Este estudo parte da análise das aulas da escola e como o uso dessa metodologia do ensino. Em seguida busca atuar nessas aulas, levando material e auxiliando na prática pedagógica buscando o interesse dos alunos, analisando e discutindo suas implicações e como o arte-educador pode contribuir para um ensino de arte de qualidade.

Palavras-chave: Arte. Abordagem. Artes Visuais. Linguagem. Rede Pública Estadual de Ensino.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Trabalho Multidisciplinar arte e ciências..... | 15 |
| Figura 2 – Trabalho Multidisciplinar arte e ciências..... | 15 |
| Figura 3 – Reunião com as Professoras de artes..... | 16 |
| Figura 4 – Alunos com oficina prática no pátio da escola..... | 21 |
| Figura 5 – Momento de exploração literária, trocando experiências e práticas exitosas..... | 24 |
| Figura 6 – Momento de exploração literária, trocando experiências e práticas exitosas..... | 24 |
| Figura 7 – Professores, direção e funcionários participando das oficinas..... | 25 |
| Figura 8 – Professores, direção e funcionários participando das oficinas..... | 25 |
| Figura 9 - Professores, direção e funcionários participando das oficinas..... | 26 |
| Figura 10 - Alunos expondo os trabalhos da oficina de cordel..... | 26 |
| Figura 11 - Alunos expondo os trabalhos da oficina de cordel..... | 27 |
| Figura 12 - Painel de abertura da oficina “Mãos que fazem”..... | 27 |
| Figura 13 - Alunos durante a oficina..... | 29 |
| Figura 14 - Alunos expondo os trabalhos..... | 31 |

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 08 |
| 1 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA..... | 10 |
| 2 PEDAGOGIA DA ESCUTA..... | 13 |
| 3 AVALIANDO O TRABALHO..... | 16 |
| 4 BUSCANDO NOVOS CAMINHOS..... | 18 |
| 5 PENSANDO AS AÇÕES..... | 28 |
| REFLEXÕES FINAIS..... | 30 |
| REFERÊNCIAS..... | 32 |

INTRODUÇÃO

O ensino de arte é muito questionado nas escolas, seja pela forma como ele é aplicado: teoria e prática ou pela relevância desse ensino aos alunos. A escola pode se tornar um local de muitos conflitos e de diversas concepções direcionadas ao ensino de artes.

Cabe ao professor de artes, mostrar que suas aulas geram resultados e que seu conteúdo é tão importante quanto aos demais. Como fazer tudo isso e ainda atrair os alunos para as aulas?

Buscando na História da arte pode-se observar que ainda se tem muito que buscar e alcançar. A aula pode ser prática, voltada para oficinas, buscando como base a experiência e a vivência que cada aluno pode trazer.

O desafio foi fazer uma reflexão sobre o Ensino de artes na Escola Estadual Dr. Napoleão Salles: estudar junto com a professora de artes, da escola, novos conhecimentos e outras metodologias através de pesquisas, tendo também como base o material estudado nesse curso.

Após essa capacitação, as oficinas práticas foram aplicadas. Dos conteúdos vistos e estudados, que também devem ser do interesse dos alunos. Os alunos devem ser vistos como sujeitos ativos de todo o processo. Há de se valorizar e colocar em prática os projetos políticos pedagógicos nas escolas e buscar formas de como avaliar esse trabalho.

O que me levou a pesquisar esse tema? Enquanto diretor acompanhava as aulas de todas as disciplinas e, em artes, pude notar a falta de trabalho concreto nas aulas. A professora não fazia oficinas. Notei durante o curso de Artes Visuais que eu poderia contribuir de alguma maneira para implantar essas práticas na minha escola.

O desafio seria a forma como isso deveria ser feito. Decidi então pesquisar e estudar sobre esse tema para poder levar essa prática para dentro das salas de aula.

OBJETIVOS GERAIS:

- Levar as oficinas e as aulas práticas aos alunos da E.E.Dr Napoleão Salles.
- Capacitar às professoras de arte.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Tornar as aulas de arte mais práticas e prazerosas.
- Adaptar as oficinas vistas e praticadas no curso de Artes Visuais à realidade da escola.
- Reunir com as professoras de arte para troca de experiência e capacitação.
- Montar exposições dos trabalhos realizados na escola.

Estrutura do Trabalho:

Cap. 1 - Identificação da Escola: Descrevo a escola e sua realidade.

Cap. 2 – Pedagogia da Escuta: Estudo sugerido pela professora orientadora que serviu para fundamentar o trabalho apresentado.

Cap. 3 – Avaliando o trabalho: É o momento que faço uma reflexão sobre o trabalho em geral, o que foi feito até aquele momento.

Cap. 4 – Buscando novos caminhos: Após a análise feita junto das professoras, fizemos um novo direcionamento, corrigindo os erros e aproveitando o que deu resultado positivo.

Cap. 5 – Pensando as ações: É a reflexão final das aulas e de tudo que foi trabalhado. Reuni-me com a comunidade escolar e avaliamos o que foi proposto.

Cap. 6 – Reflexões finais: É a minha conclusão de toda essa intervenção feita na escola. Relato os pontos positivos e os caminhos que ainda temos que trilhar.

1 IDENTIFICAÇÃO DA ESCOLA

Trabalho realizado na E. E. Dr. Napoleão Salles em Alfenas/MG. A escola está localizada na Rua Thiago Barbosa Paes, nº 152, Bairro Vista Grande. Hoje está com 1005 alunos nos três turnos.

A escola funciona com o nível Fundamental II (6º Ano até o 9 Ano), Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) do Ensino Médio. Está inserida em uma comunidade periférica. Tem 84 funcionários e 58 professores.

Estou na direção da E. E. Dr. Napoleão Salles em Alfenas/MG desde setembro de 2011 até dezembro de 2015. Assim que assumi a direção da escola, o diretor foi observar o pedagógico da escola. Como os professores ministravam suas aulas e de que forma eles trabalhavam com o lúdico e com o material concreto.

Esses trabalhos de acompanhamento das aulas continuaram durante todo o processo porque o pedagógico sempre pode e deve mudar e melhorar. Quando a direção e supervisão acompanham, de perto, o trabalho dos professores, além de se sentirem valorizados, os professores se sentem mais seguros, e tudo isso acaba contribuindo para melhorar o pedagógico da escola.

Nas aulas de arte que foram acompanhadas sentiu-se muita falta dos materiais práticos e concretos. A grande maioria dessas aulas era apenas a História da arte. A professora não utilizava material diversificado e nem desenvolvia projetos práticos com esses alunos (oficinas).

Quando se iniciou o curso de Especialização em Artes Visuais, todos os professores da escola foram convidados a também fazer a inscrição, mas nenhum professor demonstrou interesse. Sabendo da importância de se atualizar e reciclar, me inscrevi no curso, pensando em tentar fazer essas mudanças na escola.

A professora de arte foi convidada pessoalmente, disse que poderíamos ir juntos para facilitar e dividir os gastos relativos ao transporte. Mesmo assim ninguém quis fazer e participar do curso.

Em 2014, marcou-se uma reunião com a professora porque mesmo tendo mais de mil alunos na escola, havia apenas uma professora de arte na escola. Naquele momento a aula de arte era ofertada, apenas, no nono ano, do ensino fundamental.

As aulas de arte foram assistidas pelo diretor e pela supervisão. Após assistir algumas aulas, decidiu-se por marcar uma reunião entre Diretor, supervisora e

professora. Na reunião, começou-se por reconhecer os pontos positivos das aulas assistidas e das qualidades observadas no planejamento e execução das ações pedagógicas. Perguntou-se, à professora, se seria possível trabalhar com projetos e a trabalhar com oficinas. As equipes diretivas e pedagógicas se propuseram a ajudá-la, se fosse necessário.

A professora relatou que via-se impedida de trabalhar dessa forma proposta porque se sentia insegura, mesmo tendo muitos anos na profissão e que sempre tinha trabalhado assim. Ao dizer que toda a equipe poderia ajudá-la, ela se animou e disse que poderia tentar. Ela foi encorajada e motivada.

A supervisora procurou algumas estratégias de ajuda e também a orientou, dando-lhes dicas de projetos e oficinas. Algumas apostilas de oficinas, que foram feitas no curso, também foram apresentadas.

A professora estudou o material e sempre nas reuniões de módulo, todos se reuniam para traçar algumas diretrizes. A professora iniciou o trabalho de forma singela e modesta, com receio e dificuldades porque alguns alunos confundem aula prática e oficinas com bagunça ou diversão. Ela demonstrava dificuldade em manter a disciplina das turmas e sempre chamava alguém da direção ou pedia a supervisora, para auxiliá-la.

Vários trabalhos foram desenvolvidos dentro de sala, no ano de 2014. Alguns com mais participação dos alunos, outros com menos. Em uma das reuniões chegou-se à decisão de que os trabalhos deveriam ser expostos para incentivar os que fizeram e estimular os que não participaram das oficinas.

Em setembro de 2014 ocorreu a primeira feira de artes da escola. Os trabalhos foram expostos. Muitos pontos positivos e muitos pontos precisaram ser discutidos para que melhorassem nas próximas edições.

Os principais pontos positivos: alegria ao expor os trabalhos, vários talentos descobertos, curiosidade das outras turmas que não tinham aula de arte, boa vontade da professora, mesmo com dificuldades, ela sempre se apresentou disposta à mudança.

Os principais pontos que podem ser melhorados: “os tumultos na escola” alguns alunos saíram das salas e não foram assistir as apresentações, ficaram circulando pelos corredores da escola. Houve certa indisciplina e resistência de muitos alunos, em participar das atividades e da exposição. Algumas salas tiveram pouca participação e poucos trabalhos foram apresentados. Houve pouca variedade

de trabalhos, o material apresentado foi bem específico e não teve criatividade por parte de algumas equipes.

2 PEDAGOGIA DA ESCUTA

Indicado pela minha professora orientadora, Maria do Céu Diel de Oliveira, pesquisei sobre a pedagogia da escuta ou pedagogia de projetos de Loris Malaguzzi. Nunca tinha visto nada sobre essa temática tão envolvente e necessária aos saberes da escola. Essa pesquisa veio a complementar o trabalho porque na gestão escolar, já sentia essa necessidade de interação com os alunos, ouvindo e aproveitando o que eles trazem e a partir de então trabalhar, de acordo com seu interesse.

A pedagogia de projetos e seus três instantes: compartilhamento de saberes e múltiplas linguagens, o pensamento através de projetos e a interação entre criança e adulto. São etapas que levam reflexão ao ambiente escolar.

No texto de Loris Malaguzzi, *As Cem Linguagens da Criança*, o autor nos mostra que, muitas vezes, a escola, os professores acabam tirando, ou “podando” o desenvolvimento da criança. A criança por natureza deseja explorar, vivenciar e o educador leva o conteúdo engessado, pronto para ser repassado, sem ter o cuidado e a preocupação de ouvir dessa criança seus anseios.

Todo esse material fundamentou o trabalho desenvolvido porque na escola, tentamos desenvolver essa pedagogia, sem saber de sua existência e de seus princípios. Agimos por instinto e sensibilidade. Algo que o educador nunca pode deixar de ter é essa percepção e sensibilidade ao lidar diretamente com o aluno.

Esse material será explorado e repassado aos professores para que possamos ter embasamento em nosso trabalho. É uma forma de tentar seduzir aqueles professores que ainda se sentem incomodados ou inseguros de aplicar essa pedagogia em suas aulas.

Na reunião de módulo 2, que é quando os professores se reúnem com a supervisão e direção para capacitação, passaremos o vídeo “Conhecendo Reggio Emilia” e posteriormente uma reflexão dirigida questionando se seria possível trazer algumas reflexões e ações para nossa escola e nossas aulas, adaptando aos nossos alunos, ao nível de ensino e a nossa realidade.

Levaremos também o artigo “A pedagogia da escuta - A relação entre ensino e cidades reais e imaginárias” de Maria do Céu Diel de Oliveira para nos aprofundarmos no assunto e ter uma crítica feita a pedagogia da escuta.

Algumas perguntas poderão ser lançadas: qual a diferença entre trazer o material pronto e ouvir a opinião dos alunos? O que será mais produtivo: trabalhar com um eixo temático porque está no livro didático ou algo lançado e de interesse dos alunos? Podemos trabalhar interdisciplinarmente com essa proposta? Quais os pontos positivos e negativos dessa pedagogia?

Acredito que esse material contribuiu muito e ainda terá muito a contribuir na escola porque os professores já trabalham com projetos e tem uma aceitação a novas experiências.

Nas aulas de artes usamos algumas ideias que foram mostradas na escola de Reggio Emilia. Usamos sem saber que essa pedagogia era assim chamada e já aplicada. Muitas vezes, os educadores usam de seus instintos e acabam aplicando ações em sala de aula que não tem embasamento.

É muito importante o professor e aluno saberem que não estão fazendo um trabalho de arte, simplesmente porque é uma data comemorativa, mas sim porque eles escolheram trabalhar com determinado conteúdo. Além de fazer mais sentido para ambos, o ensino/aprendizagem se torna mais significativo e prazeroso.

Estudar em uma escola onde poderíamos ter escolhas, onde o ensino tenha sentido para professor e aluno e a bagagem de vida de cada um é respeitada e aproveitada como ponto de partida para a aprendizagem, deve fazer toda a diferença, além de ser o sonho dos alunos.

Nosso sistema de ensino está ultrapassado e caminha a passos lentos, se comparado à tamanha modernidade que nossos educandos têm acesso. Oferecer aos alunos o que eles já têm acesso? Passar apenas o que está no livro didático? O professor deve ir além, estudando, buscando o apoio das tecnologias e levando essa ferramenta para suas aulas.

Nas aulas de artes podemos levar os alunos na informática e pedir que pesquisem e levarem possíveis temas para as aulas. Vejam o que pode ser feito oficina e que despertem seu interesse.

Tentando aplicar essa pedagogia, em um dos projetos escolhido em parceria alunos/professores, os alunos do nono ano participaram, na praça de Alfenas, de uma “Mostra” onde decidiram apresentar seus trabalhos em parceria com a Universidade de Alfenas – UNIFAL.

Os alunos selecionaram os trabalhos a serem expostos de artes. Em ciências decidiram pelo projeto escola verde, onde plantaram diversas mudas de árvores na escola e a UNIFAL levou seus animais para exposição e conscientização.



Figura 1: Trabalho multidisciplinar arte/ciências. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.



Figura 2: Trabalho multidisciplinar arte/ciências. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.

3 AVALIANDO O TRABALHO

Após essa exposição, outra reunião foi marcada e pediu-se que ela fizesse a avaliação do projeto. Ela claramente enxergou esses pontos citados e buscaram-se as soluções para o que precisa melhorar.

No início de 2015, a escola recebeu uma professora concursada de arte que passou a trabalhar junto com essa professora, que já estava na escola. Essa professora novata também foi aluna de especialização da UFMG, no polo Campos Gerais.

Como a professora conhece e viu todas essas matérias estudadas na especialização de artes, ficou bem mais fácil a continuação desse projeto. As professoras se reuniram, junto com a supervisora e com a direção e sempre planejam novas ações. Essa professora novata, já iniciou o ano com muitos trabalhos concretos e lúdicos. Montou algumas oficinas e adapta o conteúdo curricular ao trabalho prático.

Sempre que possível, elas trocam experiências e materiais. As oficinas que foram estudadas no curso foram repassadas e elas tentam adapta-las ao conteúdo de sala. As oficinas que se encaixaram nesse conteúdo foram aproveitadas. A atuação do diretor e da supervisão é de acompanhar, refletir e contribuir em todo o processo.



Figura 3: Reunião com as Professoras de artes. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.

O grande desafio nessa etapa foi juntar as duas professoras e fazê-las trabalhar em dupla porque a professora novata chegou com muito ânimo, com muito conteúdo inovador e dinâmico e conseguia manter a disciplina das turmas. O trabalho se concentrou em não despertar conflitos entre elas e, ao mesmo tempo, fazer com que elas conseguissem trocar experiências.

Se houve alguma resistência, isso não chegou à direção e à supervisão. As ações acontecem e as oficinas estão caminhando, de acordo com o conteúdo. A professora que já trabalhava na escola ainda tem mais dificuldades na execução dos projetos, mas vem vencendo os desafios que se propôs a enfrentar.

Fato determinante para essas conquistas foi a interação e participação direta das ações. Desde o início, quando as dificuldades foram identificadas, todos os envolvidos se reuniram com o objetivo de melhorar essas aulas.

A forma como a intervenção pedagógica acontece é essencial para seu sucesso. A direção e a supervisão devem saber ouvir seus professores e fazer sempre uma auto avaliação, se colocando sempre como sujeito parceiro e ativo do processo e não apenas um superior que está ali apenas para avaliar e fazer cobranças.

Não é fácil chegar aos objetivos desejados para a educação principalmente porque ela não é estática. Esse dinamismo todo requer da gestão e supervisão flexibilidade para enfrentar situações adversas e superá-las.

Durante todo o processo pedagógico, na escola, a direção se concentrou também em buscar novas parcerias para se concretizar o processo. Buscou-se o apoio da secretaria de educação municipal para apoiar com transporte dos alunos para visitarem feiras artísticas na cidade. As duas universidades da cidade foram visitadas e alguns professores, dessas universidades foram convidados a participarem do processo.

Algumas palestras e exposições foram montadas com essas parcerias o que acabou por enriquecer ainda mais todo o processo. A Casa da Cultura municipal também foi visitada, quando tinha alguma exposição. Todas as parcerias conquistadas somaram muito e a escola pretende mantê-las e buscar novas parcerias.

4 BUSCANDO NOVOS CAMINHOS

Em reunião com as professoras, supervisora e direção, decidiu-se por traçar as novas etapas para o projeto de artes na escola. Foi sugerido, pelas professoras, uma feira dos trabalhos dos alunos, elas pretendiam mostrar os trabalhos realizados.

No dia 16/09/2015, aconteceu a segunda exposição de artes da professora que já trabalhava aqui na escola. Houve muitas mudanças e melhoras de comparado com a primeira exposição. É claro que ainda existem pontos para serem melhorados: maior diversidade dos trabalhos, tentar atrair um número ainda maior de participantes e trabalhar com outras matérias.

Quanto à participação dos alunos: houve mais participação, pouquíssimos alunos ficaram apáticos nas apresentações. A diversidade das atividades foi o que mais chamou a atenção dos visitantes da feira. Muitos trabalhos foram feitos de forma interdisciplinar, ligados a muitas matérias e com a participação dos outros professores.

As fotos dessa feira foram publicadas, no facebook da escola, “Napoleão Salles”. Essa rede social foi escolhida porque é o canal de comunicação mais usado entre alunos, professores e comunidade. Eles já estão acostumados a entrarem nessa rede e comentar os trabalhos. Os grupos escolheram explorar as artes de alguns países. Cada grupo deveria expor sobre a arte daquele país, costumes e o que chamou mais a atenção.

Alguns grupos levaram até comidas típicas desses países escolhidos por eles (Os países escolhidos foram os que compõem o MERCOSUL porque esse trabalho foi interdisciplinar e os alunos estavam estudando esses países em geografia).

Ofereceram essas comidas aos visitantes da feira. Quanto às obras que eles fizeram durante o ano, foram expostas em cada sala e as demais turmas visitavam essas salas.

Os resultados foram satisfatórios e uma nova reunião foi marcada para definir as novas metas e as próximas ações para os próximos trabalhos. Os alunos também foram ouvidos e muitos relataram que essa oportunidade de apresentarem seus trabalhos foi muito marcante. Alguns alunos ficaram tímidos ao expor, mas a grande maioria ficou contente em poder mostrar e dividir com os colegas, essas atividades.

A turma “Jorge Amado”, segundo ano do ensino médio, pediu uma parede para fazer um grafite. A professora irá fazer um concurso e o grafite mais votado será reproduzido nessa parede da escola.

Essas ações podem contribuir para a melhoria do ensino de arte na escola, porém sabe-se que esse processo é gradual e requer certo tempo. Os avanços estão sendo feitos, se necessário, faz-se retomadas, corrigindo ou alterando os rumos, buscando sempre um melhor direcionamento.

A arte quando é vista com um preconceito, que pode partir do sistema educacional, passando pelos professores até chegar aos alunos ou seguindo o caminho contrário. Essa visão é questionada e não condiz com a realidade quando a escola com seus profissionais valorizam e mostram todo o potencial dessa matéria. Essa visão poderá ser adquirida através de capacitações e estudo.

Trabalhei com as professoras, supervisão e acompanhando algumas aulas e como resultado, as aulas ficaram mais práticas, concretas e fazem uso de material diversificado.

Quero que o trabalho reflita para os próximos anos e que continue se desenvolvendo. A grande dificuldade para essa sequência pedagógica é a rotatividade de professores que temos nas escolas. Todo começo de ano há muita troca de professor. Se houver essa troca, o trabalho deverá ser iniciado novamente.

A educação de qualidade não tem receita pronta. Os envolvidos (professores, direção, supervisão e alunos) devem ser orientados e capacitados sobre essa importância do ensino de arte na escola e o trabalho interdisciplinar que pode ser realizado.

Os PCNs¹ devem servir de base, como o ensino de arte deveria ser neles baseado. Muitas vezes, o ensino de artes é deixado de lado. A importância do lúdico e a visão de Edmir Perroti, dizendo que as aulas práticas devem ser essenciais nas aulas de arte e na educação em geral. Cabe ao professor de artes, mostrar que suas aulas geram resultados e que seu conteúdo é tão importante quanto aos demais.

Uma das grandes preocupações da direção escolar é se os alunos estão aprendendo, se estão tendo aulas significativas através do lúdico e concreto. A escola se torna um local de muitos conflitos e de diversas concepções direcionadas

¹ PCNs: Parâmetros Curriculares Nacionais

ao ensino de artes. O principal objetivo e primeiro foi fazer e falar de algo real e possível de se melhorar.

Cabe ao professor orientador de artes, mostrar que suas aulas geram resultados e que seu conteúdo é tão importante quanto aos demais. Como fazer tudo isso e ainda atrair os alunos para as aulas? Seria possível? Rosa Iavelberg (2003): [...] “O ensino de arte requer um professor orientador, que incentiva a produção, o envolvimento e a constância do aluno...”.

O grande diferencial observado na aplicação das oficinas foi quanto a troca de informações entre professores e alunos, em algumas matérias. Há falta de interpretação de algumas professoras e na aceitação do “diferente”, do que é comum à maioria, do que é tradicional, já que arte é tão subjetiva e também tendo em vista essa dupla interpretação dos enunciados das questões.

Muitas dessas dificuldades foram sanadas quando se tratou das oficinas práticas e onde os professores e alunos participaram presencialmente. Acreditava que o curso de artes teria mais abertura e aceitação para outras interpretações. É claro que isso se restringiu a algumas matérias, mas que prejudicaram e muito o resultado obtido nessas disciplinas.

O trabalho realizado foi muito produtivo porque os alunos perceberam a mudança nas aulas. Até os colegas professores comentaram que as aulas de artes se tornaram mais práticas, com oficinas e que os alunos comentaram em suas aulas.

A proposta está ligada diretamente a atuação profissional. Não está ligada como sendo o agente, o professor, mas está ligada porque o diretor também tem que se preocupar e interagir, nas aulas, quando necessário. Foi um trabalho em conjunto: professoras, supervisão e direção.

Essa educação propicia inovação, reflexão e espírito criativo. A importância dos professores na formação das crianças e alunos e que a educação ofertada deve ser significativa, quando se respeita as diferentes etapas de aprendizagem, levando conteúdos que suprem essas carências do ensino.

O professor deve acompanhar todo o processo de criação do fazer artístico e estar atento às críticas. “Uma aprendizagem artística assim percorrida deixará marcas positivas na memória do aprendiz” (IAVELBERG, 2003). Essa parte pode ser entendida de duas formas.

Se o professor realmente for esse educador que orienta e oferta todas essas necessidades ao aluno, essa aprendizagem deixará marcas positivas. Mas se o

professor, como se observa em muitas escolas, for apenas aquele “repassador” que não oferece algo a mais ao aluno, isso tudo poderá ser traumatizante e deixar de ser criativo e produtivo.

Nessa atividade realizada, a professora de matemática trabalhou formas geométricas na sala. Os alunos desenharam, recortaram e pintaram essas figuras. A professora levou esses alunos para o pátio da escola onde os grupos teriam que formar o maior número possível de figuras (bichos, casas, pessoas...) e interagindo com a matemática. Essa atividade foi artística porque cada aluno confeccionou seu material e a partir dele montou várias figuras geométricas.

A atividade além de ser prática, construtiva despertou muito o interesse dos alunos porque não ficaram presos apenas no espaço da sala de aula. Percebe-se que fazer/ensinar/aprender arte é uma ação processual. Cabe ao professor buscar em cada aluno o que ele pode oferecer em cada atividade.



Figura 4: Alunos com oficina prática no pátio da escola. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.

Deve-se buscar a capacitação e formação dos professores de artes da Escola para depois esses mesmos professores repassarem, esse conteúdo, aos alunos de forma lúdica e prática, através de oficinas, como visto na disciplina de artes gráficas: alfabeto com objetos.

Ao longo do projeto, se observou as evoluções de cada aluno e também dos professores, ao entrar em contato com essas formas novas, ou não, de artes e cultura. O educador tem papel fundamental ao apresentar e saber entender a arte que cada aluno tem mais facilidade em adquirir ou que possui interesse em apreender. Assim sendo pode-se dizer que a arte é uma ação processual porque pode ser adquirida, desenvolvida e aprimorada.

A interpretação artística torna-se subjetiva consoante à visão pessoal do espectador, apesar de contar com certos elementos estruturantes de cada arte. É um saber que se aprende também, para aprofundar-se o gosto de pensar do aluno. Em cada oficina observou-se a interação e aprendizagem. Com o trabalho prático, dinâmico e concreto, a aprendizagem se tornou mais significativa.

A atividade da disciplina de artes gráficas, a história através de carimbos foi desenvolvida nos 6º anos da escola. A atividade, apesar de simples foi novidade para os alunos. Eles estavam acostumados apenas com redação comum. Montar uma história com carimbos foi muito interessante para eles. Alguns demonstraram dificuldades em se expressar por desenhos. Foi preciso lembrá-los dos gibis e aí a atividade fluiu perfeitamente.

Atividade de pintura: a aula começou com a professora perguntando aos alunos, também do 6º anos, o que seria pintura? Para que se pintam quadros, telas? Qual a função da pintura? Passou imagens no *datashow* de quadros famosos e bem diversificados. Após os questionamentos citados, montou as carteiras em grupos e informou que os alunos iriam pintar.

Alguns alunos fizeram as pinturas por impulso. Outros tiveram dificuldades de começar e poder se expressar. Alguns alunos quiseram desenhar primeiro com lápis e para depois passar a tinta. Após os trabalhos realizados, deixou secar no pátio da escola. No outro dia fez a exposição, dos trabalhos, no mural da escola, deixando-os lá durante uma semana.

O resultado dessa atividade foi satisfatório porque eles se sentiram capazes de fazer, motivados. Os trabalhos foram elogiados pelas outras turmas e colegas. Os alunos, de outras salas, também querem fazer os trabalhos.

Na disciplina de pintura, outra atividade: a proposta aos alunos foi fazer um recorte e colagem de figuras em uma folha A4. A professora explicou que essa figura depois deveria ser reproduzida por eles, através de pintura. Foi uma atividade considerada difícil, por eles porque relataram que nunca tinham feito isso. Nem

todos os resultados foram satisfatórios, pensando no resultado estético porque alguns alunos escolheram figuras difíceis de retratar através da pintura. Só conseguiram perceber isso, quando foram pintar. Mas do lado pedagógico os objetivos foram alcançados porque todos fizeram as atividades com prazer e alegria. Demonstraram dificuldades, mas conseguiram superá-las.

A atividade de confecção de um livro foi desenvolvida em parceria com a professora de língua portuguesa. O melhor jeito de formar um bom leitor é estimular o contato com os livros desde cedo e de diferentes meios. Uma oficina baseada na apostila de artes gráficas ensina uma técnica bem fácil de criar os próprios livros, com materiais que todo mundo tem em casa. Os vídeos e apostilas enriqueceram e acrescentaram muito a todo o trabalho realizado. Os alunos faziam recortes e montavam uma história com esses recortes. Atividade realizada e repassada no polo.

Na disciplina de Tópicos em ensino de artes visuais, o espaço de trabalho também foi envolvido nessa atividade e como resultado e consequência, a atividade contribuiu para o enriquecimento e troca de experiência, na escola. Nada melhor que valorizar a cultura local. Pensando nisso uma pedagoga, psicóloga e ex-dona de uma escola particular, aqui de Alfenas, Maria de Fátima Misserani, foi convidada para passar e interagir com todo o grupo de professores da escola. Ela montou dinâmicas e cantigas de roda, mostrando que o ritmo deve estar presente nas matérias e conteúdos entre outros aprendizados.

O trabalho realizado atingiu o objetivo porque proporcionou explorar as artes visuais através de diferentes ângulos. Na exposição de obras atuais que podem contribuir no trabalho como educadores, citou diferentes atividades práticas e momentos de interação, onde alguns professores também fizeram seus relatos.

Novos horizontes foram construídos e ampliados, buscando novos caminhos, ampliando nossos conhecimentos através de outros meios, diferentes daqueles conhecidos. Colocar em prática essas habilidades artísticas, tendo em vista que a professora abordou o trabalho artístico que a escola pode produzir relatando sua experiência.

Articulou e realizou trabalhos estéticos nessa área, dentro e fora do ambiente educacional onde a mesma, em uma das oficinas, trabalhou não apenas com artes visuais, mas explorou também a dança ritmada, mostrando que nós professores temos dificuldade.

Seguem fotos das oficinas:



Figura 5: Momento de exploração literária, trocando experiências e práticas exitosas. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.



Figura 6: Momento de exploração literária, trocando experiências e práticas exitosas. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.



Figura 7: Professores, direção e funcionários participando das oficinas. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.



Figura 8: Professores, direção e funcionários participando das oficinas. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.

O processo foi marcado pela interação não apenas das professoras da disciplina de Artes, mas de todos os professores e equipe pedagógica da escola. As oficinas realizadas contaram com a presença e participação dos professores nas reuniões de módulo 2.



Figura 9: Professores, direção e funcionários participando das oficinas. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.



Figura 10: Alunos expondo os trabalhos das oficinas de Cordel". Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.



Figura 11: Alunos expondo os trabalhos das oficinas de Cordel". Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.



Figura 12: Trabalho feito pela turma do oitavo ano, Jorge Amado. Painel de abertura da Exposição "Mãos que fazem". Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.

5 PENSANDO AS AÇÕES

As aulas de arte se tornaram mais significativas para o processo ensino/aprendizagem porque as professoras desenvolvem mais oficinas do que se costumava fazer. Quando o aluno aprende por meio de oficina, essa aprendizagem se consolida em mais alunos.

As avaliações diagnósticas aplicadas em todos os anos/séries da escola comprovam que a aprendizagem em artes melhorou. Os alunos demonstraram maior interesse nas aulas e melhor participação. Quando esses alunos se tornam sujeitos participantes das ações, a troca de experiência e a concentração nas atividades são melhores aproveitadas.

A supervisão e direção levará ao colegiado da escola a proposta de mudar a grade curricular, aumentando o número de aulas de arte. Os argumentos que serão apresentados serão os de que com as oficinas e com esse olhar diversificado, as aulas se tornaram mais significativas, fundamentais para um ensino de qualidade.

Busca-se que com essa ação, os alunos possam ter mais acesso a todo o conteúdo teórico de artes e que também que possam ter tempo para praticar as oficinas de cada conteúdo estudado.

A reunião com o colegiado para definir a matriz curricular é feita anualmente todo final de ano, no mês de dezembro. As professoras de arte foram convidadas a participar dessa reunião para que elas possam expor as vantagens dessa mudança.

Quanto aos alunos, eles também se manifestaram e quiseram participar dessa reunião. Eles irão pedir que as aulas de artes aumentem na matriz curricular. Relataram que as aulas estão mais dinâmicas e que “gostam muito das oficinas de artes”.

A proposta da direção é que esse projeto envolva toda a escola e que acabe mobilizando e sensibilizando para a aprendizagem realmente significativa, que tenha objetivos e fundamentos, deixando de lado o ensino tradicional e automático.

De acordo com os parâmetros curriculares para o ensino de artes o aluno desenvolve a sensibilidade, o pensamento artístico e a percepção estética. Sabendo de toda essa importância para o desenvolvimento do educando, cabe à escola, garantir que isso aconteça de forma teórica e prática.

Essa garantia deve-se se dar com qualidade. Esse objetivo é alcançado através de capacitação e busca de conhecimento, seja a partir de especialização ou

de simples buscas para enriquecer as aulas. O professor deve ser motivado a continuar seus estudos e ser recompensado por isso.

A avaliação de desempenho escolar do professor é feita para garantir os direitos dos professores que se destacam em seu trabalho e também uma reflexão construtiva ao professor que precisa melhorar em algum item dessa avaliação.

O processo de avaliação se dá durante o ano escolar. Todas as ações do professor deveriam ser observadas e registradas, positivas ou negativas, para que em posse desse registro, a comissão de avaliação possa atribuir uma nota justa a esse professor.

Todo esse processo de avaliação serve para tentar incentivar o professor e reconhecer suas qualidades. Também servirá para registrar os pontos negativos, oferecendo-lhes estratégia de ajuda para superá-los.



Figura 13: Alunos durante uma das oficinas. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.

REFLEXÕES FINAIS

No próximo ano letivo, cabe ao supervisor acompanhar se essas estratégias estão dando resultados e a partir daí, construir ou não novos objetivos que contemplem essas necessidades. O professor pode, a qualquer momento solicitar o auxílio do supervisor ou da direção.

Com a professora mais antiga na escola foram montadas, individualmente, essas estratégias de ajuda para orientá-la e direcionar o seu trabalho com projetos, já que a mesma disse estar com dificuldades para desenvolver e aplica-lo. Foi fundamental a retomada de cada etapa desse processo.

De acordo com o andamento do projeto de artes, a supervisão e direção sempre se reuniam com a professora para trocar opiniões e sugestões. A professora se mostrou muito receptiva a todas essas ideias. Algumas intervenções foram aplicadas e o projeto foi caminhando.

Com a professora de artes que entrou posteriormente na escola, foi feita a reunião individual de avaliação de desempenho para norteá-la e informar como todo o processo acontece. A professora passou todas as informações de seus projetos, de acordo com cada nível de ensino. Demonstrou-se confiante e segura. Nesse caso, a supervisão e direção apenas acompanhou a aplicação do planejamento.

Quanto à execução do plano de aula e do planejamento do projeto de artes, a professora nos surpreendeu porque aplicou oficinas e conseguiu atingir os objetivos que foram lançados na reunião de planejamento.

A Escola Estadual Dr. Napoleão Salles representada por seus alunos, professores, supervisão e direção, passou a ter um olhar diferenciado para as aulas de artes. Esse projeto fez com que todos se unissem, buscando uma proximidade maior entre teoria e prática, através de aulas e oficinas que passam a atrair e despertar novos anseios.

Tudo isso é um processo que não foi e nunca será concluído porque a educação é sempre dinâmica. Ela está sempre em movimento. Cabe a todos os envolvidos a missão de levar essa educação de artes para frente, de forma prática, atrativa aos olhos dos alunos e prazerosa aos professores.



Figura 14: Alunos expondo os trabalhos. Fonte: Arquivo da E.E.Drº Napoleão Salles.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2010.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2zMviPxjONc>. Acesso em 16 jun 2015.

BARBOSA, Ana Mae. São Paulo: **Perspectiva**. Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação contemporânea**. São Paulo: Cortês, 2006.

BRASIL. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte. Vol. 6 (1a à 4a série). Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <http://revista.univar.edu.br/downloads/arteprimapobre.pdf>. Acesso em: 05 mai 2015.

FERRARI, Pascoal. **Por toda parte**. São Paulo: FTD, 2013.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender Arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MALAGUZZI, Loriz. As cem linguagens. Disponível em: <http://paraalmduocuidar-educacaoinfantil.blogspot.com.br/2012/04/as-cem-linguagens-da-crianca-conheca.html>. Acesso em: 05/02/2016.

MALAGUZZI, Loriz. Cultura Infantil a luz de Loris Malaguzzi. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JSnqEH1F4CQ>. Acesso em: 05/02/2016.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. Cortês, 2008.

MOURÃO, Luciana. Arslan, Rosa Iavelberg. **Ensino de Arte**. Thomson Learning, 2006. Disponível em: <http://www.revista.univar.edu.br/index.php/interdisciplinar/article/view/182>. Acesso em: 20 jun 2015.

OLIVEIRA, Maria do Céu Diel. **A pedagogia da escuta: A relação entre ensino e cidades reais e imaginárias**. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/05.011/1653> – Acesso em: 06/02/2016